

Análise de frases machistas da campanha #esseémeuprofessor

Analysis of sexist phrases from the #esseémeuprofessor campaign

Laís Gedoz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

lais.gedoz@ufrgs.br

Alexsandro Pereira de Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

alexsandro.pereira@ufrgs.br

Daniela Borges Pavani

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

dpavani@if.ufrgs.br

Resumo

Embora as mulheres sejam a maioria no ensino superior brasileiro, isso não significa que as desigualdades de gênero nesses espaços foram superadas. Um mecanismo que propicia ambientes hostis para as mulheres são os discursos ofensivos de docentes universitários. Com base nisso, os objetivos deste trabalho são identificar discursos genereficados reproduzidos atualmente por docentes universitários e analisar se esses discursos são formulações atuais. Para isso, foram analisadas as frases da campanha #esseémeuprofessor, produzida pelo projeto de extensão Meninas na Ciência, utilizando como aporte teórico as obras de Schiebinger e Harding. Das 164 frases analisadas, 14 delas passam a noção de que o lugar da mulher é em casa cuidando do lar como forma de rebaixá-las, 61 frases apresentam algum tipo de conotação sexual, e destas, 34 são de assédio sexual. Discursos semelhantes aos da campanha são encontrados em obras de cientistas influentes do período da Revolução científica.

Palavras chave: questões de gênero, machismo, ensino superior

Abstract

Although women are the majority in Brazilian higher education, this does not mean that gender inequalities in these spaces have been overcome. A mechanism that provides hostile environments for women are offensive speeches of university professors. Thus, the aims of this study are to identify gendered speeches currently reproduced by university professors and to analyze whether these speeches are current formulations. To this end, phrases from the #esseémeuprofessor campaign, produced by the project Meninas na Ciência, were analyzed using the works of Schiebinger and Harding as a theoretical framework. Of the 164 phrases

analyzed, 14 of them convey the notion that the woman's place is at home taking care of the house as a way of demeaning them, 61 phrases have some kind of sexual connotation, and among these, 34 are sexual harassment. Discourses similar to those of the campaign are found in the works of influential scientists from the period of the scientific revolution.

Key words: gender issues, sexism, higher education

Introdução

No Brasil, as mulheres são a maioria no ensino superior (OECD, 2019), porém a presença delas nesse espaço é bastante recente. Durante muito tempo as universidades foram instituições proibidas para as mulheres. Desde a fundação da primeira instituição de ensino superior no século XI até o fim do século XIX, as mulheres foram excluídas desses espaços (SCHIEBINGER, 2001). Mesmo que atualmente elas sejam a maioria no ensino superior, isso não significa que as desigualdades de gênero nessas instituições tenham sido superadas.

Muitas vezes esses espaços podem ser hostis e ofensivos para elas. Existem diversos mecanismos que propiciam esses tipos de configuração, um deles se dá através de discursos hostis de docentes universitários que reforçam que este não é o lugar da mulher. Em cursos na qual a presença de mulheres é muito pequena, tais como os das áreas de Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ou Engenharia, Produção e Construção, com apenas 13,2 % e 33,4% de estudantes mulheres (SEMESP, 2020), respectivamente, tais discursos acabam reforçando ainda mais as desigualdades e os obstáculos enfrentados pelas mulheres. A realização de análises desses discursos se torna imprescindível para compreendermos quais são atualmente, e também historicamente, os obstáculos enfrentados pelas mulheres no contexto universitário.

Com o presente trabalho temos como objetivos, primeiramente, identificar os *Simbolismos de gênero*, que seriam tipos de discursos generificados, reproduzidos atualmente por docentes universitários. Além disso, temos como objetivo analisar se esses *Simbolismos de gênero* são formulações atuais ou são repetições de discursos presentes em contextos históricos antecedentes. Para isso, foram analisadas as frases da campanha #esseémeuprofessor, produzida no ano de 2016 pelo projeto de extensão Meninas na Ciência¹ do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As frases selecionadas foram analisadas utilizando estudos que discutem questões de gênero a partir de fontes primárias da história da ciência e, como aporte teórico, foram utilizadas as obras de Londa Schiebinger (2001) e Sandra Harding (1986).

Referencial Teórico

Segundo Schiebinger (2001), durante a Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII, as instituições científicas foram estruturadas com base na concepção de que os cientistas seriam os homens e as mulheres estariam em casa como esposas que cuidavam deles, dos filhos e da casa. Devido a isso, a ciência moderna se consolidou a partir da exclusão das mulheres que permeou por centenas de anos. Como suas origens foram estruturadas para excluí-las, é errôneo pensar que as desigualdades de gênero serão resolvidas apenas trazendo mais

¹ Para maiores informações sobre o projeto de extensão Meninas na Ciência, acesse: <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/>. Acesso em 31 de ago. de 2020.

mulheres para o campo científico. Para que isso ocorra, é preciso profundas mudanças nos métodos, conteúdos e na cultura da ciência.

A análise histórica da participação das mulheres na ciência nos oferece diversos ensinamentos. Para Schiebinger (2001), um deles é de que o êxito das mulheres no campo científico depende de uma gama de fatores que são independentes, como as condições sociais, períodos de guerra e paz, prestígio das instituições científicas, estrutura da família, economia e clima político. Muitos dos problemas atuais enfrentados pelas mulheres no campo científico – como por exemplo, o relógio biológico versus carreira acadêmica e responsabilidades profissionais versus responsabilidades domésticas – possuem raízes históricas bastante profundas. Essas raízes se mantêm, pois, a cultura científica é constituída por uma série de costumes e valores que tomaram forma na ausência das mulheres e também moldadas com base na oposição à sua participação. Como a ciência do Terceiro Mundo geralmente é modelada com base nas instituições dos Estados Unidos e Europa, uma consequência disso é que os padrões observados nas oportunidades das mulheres acabam sendo semelhantes entre essas localidades (SHIEBINGER, 2001).

Para compreendermos as desigualdades de gênero presentes na ciência, é imprescindível a utilização do gênero como uma categoria de análise. Neste trabalho, adotaremos a definição proposta por Harding (1986). Para a autora, a categoria gênero é entendida simultaneamente como um discurso e como um processo, pois diz respeito a um conjunto de ideias ou figuras de pensamento que geralmente são compartilhadas em uma sociedade e é produzido nas interações sociais. A vida social generificada, ou seja, o que passou ou foi tocado pela rede de processos dinâmicos de gênero, é produzida a partir de três processos. O primeiro seria os *Simbolismos de gênero*, que são dicotomias e metáforas de gênero que indivíduos atribuem a pessoas, coisas ou fenômenos por meio da linguagem. Já o processo de *Estrutura de gênero* se refere a como os indivíduos, baseando-se nos *Simbolismos de gênero*, organizam suas interações sociais e atividades. Por fim, o *Gênero individual* é uma forma de comportamento individual e de identificação que está relacionado com a realidade ou percepções das diferenças sexuais, sendo construído socialmente.

Os *Simbolismos de gênero*, que seriam as suposições e noções absurdas que cercam a questão do gênero a respeito do que trata a ciência e sobre quem é cientista, historicamente entraram em conflito com as expectativas sobre as mulheres. Compreender os processos de gênero na ciência pode auxiliar na construção de novas relações e comportamentos entre os gêneros dentro da vida doméstica, nas indústrias, no governo e nas universidades (SHIEBINGER, 2001).

Metodologia

A campanha #esseéomeuprofessor tinha como objetivo coletar frases machistas ditas por docentes universitários. A coleta dessas frases se deu através de um questionário anônimo, divulgado na página do *Facebook* do projeto Meninas na Ciência no ano de 2016. Esse questionário ficou disponível por 24 dias, recebendo um total de 214 frases. Nele constavam as seguintes perguntas: Qual frase machista/perturbadora seu professor falou? O professor pertence à qual departamento? Deseja deixar um comentário?

A primeira etapa da análise foi aplicar um filtro, para eliminar frases que não se tratavam de machismo. Após a aplicação desse primeiro filtro restou um total de 164 frases. A próxima fase da análise consistiu em categorizar as frases de acordo com o tema de cada uma. Nessa etapa surgiram várias categorias. No entanto, devido às limitações de espaço, neste trabalho apresentaremos a análise de duas categorias que se tratam de estereótipos de gênero. A

primeira contém frases que atribuem às mulheres o papel do trabalho doméstico. Enquanto a segunda categoria contém frases que abordam questões relacionadas à busca da mulher por um parceiro amoroso. Em seguida, utilizando o Google Acadêmico, foi feita uma busca por trabalhos que analisam fontes primárias da história da ciência para discutir questões de gênero. Por fim, buscou-se, nesses trabalhos e na obra de Shiebinger (2001), verificar se as frases presentes na campanha eram repetições de discursos presentes em contextos históricos antecedentes, ou se eram formulações atuais. Nas frases da campanha exibidas a seguir, os erros ortográficos foram corrigidos para manter a concordância, sem alterar o sentido das mesmas.

Resultados

Os *Symbolismos de gênero* que passam a noção de que o lugar da mulher é em casa cuidando do lar ainda estão bastante presentes na nossa sociedade e no discurso de professores e professoras. Das 164 frases presentes na campanha, 14 delas passam essa noção. Duas frases apresentavam uma explicação sobre porque antigamente as mulheres programavam. A primeira frase afirmava que “... Era o que elas mais se identificavam, afinal, é bem parecido com um varal”, enquanto a outra frase afirmava que elas programavam “...porque era com fios e parecia um varal”. Outras duas frases associavam a mulher com a função de lavar roupa. A primeira dizia que “Lugar de mulher é no tanque”, e a outra, dita por uma professora, afirmava que “Homem tem facilidade com matemática assim como nós, mulheres, temos em usar a máquina de lavar roupa”.

Symbolismos de gênero que fazem associações entre a mulher e o trabalho doméstico também são feitos através de comentários que citam utensílios doméstico e a prática de cozinhar. Duas frases faziam comentários sobre as mulheres somente se interessarem por utensílios domésticos e eletrodomésticos. A frase “mulher gosta mesmo é de uma panela/ fogão...” foi acompanhada por risadas dos alunos homens da turma. Já a frase “ A mulherada já fica louca por uma panela, uma geladeira, só pensam nisso...” foi dita com a intensão de provocar, sendo finalizada com um “Hein gurias? Nenhuma vai se manifestar? Pô, tô provocando um monte aqui e nenhuma vai falar nada?”.

Duas frases atribuem à mulher a função de cozinhar como forma de rebaixá-las. Uma expressa essa mensagem explicitamente, “Você é inferior aos homens, menina, volte para seu lugar: na cozinha!”, enquanto a segunda frase “O homem branco pensa, o homem negro trabalha, e a mulher cozinha pros dois”, dita para uma turma de introdução a engenharia, além de comunicar tais noções, ainda atribui um status inferior ao homem negro através de um comentário racista. Um diálogo relatado na campanha foi “Vai passar questionário professor?” que foi respondida com “Já lavou a louça da pia?”. Uma resposta tão desconexa com a pergunta, que supomos ter sido feita por uma aluna, parece querer deixar claro que aquele lugar – a sala de aula de um curso superior e ainda interpelando o professor – não é lugar de mulher, além disso, também evidencia uma intenção: reforçar o status inferior da mulher utilizando como meio a desvalorização do trabalho doméstico.

Outra relação recorrente é entre as funções da mulher de cuidar dos filhos e da limpeza da casa. Duas frases afirmavam que o lugar da mulher é em casa cuidando dos filhos. Uma delas, além dessa afirmação, utiliza outras para desvalorizar as mulheres. A frase dizia “Nossa, quantas mulheres nessa sala! Vocês já sabem que vão desistir né? O lugar da mulher é em casa cuidando dos filhos, quem tem que estudar e descobrir o mundo são os homens, eles que nasceram para isso”. Naturalizar tais noções propicia que esses estereótipos sexistas utilizados

para desqualificar as mulheres permaneçam presentes, independente da passagem do tempo (CITELI, 2001).

Um relato apresentado na campanha dizia que um professor apresentou em um slide “ uma tirinha mostrando a evolução do macaco ao homem... e da mulher limpando o chão, para a mulher ainda limpando o chão”. Outro relatado dizia que após encerrar uma aula prática, o professor disse: "As meninas não precisam varrer, elas já fazem isso em casa". Mais uma vez o papel da mulher é atribuído aos afazeres domésticos. Por fim, cinco frases afirmavam que as mulheres só querem arranjar um marido e que não precisavam estudar. Por exemplo: “Os meninos estão aqui para serem engenheiros e as meninas para procurar marido” e “Mulher não precisa estudar, é só casar”. Esses *Simbolismos de gênero* reforçam ideias de que a “atividade intelectual séria” e a ciência não são lugar de mulher, noções que também eram reproduzidas por nomes célebres como Immanuel Kant e Francis Bacon (SHIEBINGER, 2001).

Discussão

Simbolismos de gênero muito parecidos com os citados anteriormente também são observados há séculos. Originados a partir uma estruturação que buscava um “funcionamento homogêneo do mundo profissional” (SHIEBINGER, 2001, p.70), devido a uma série de fatores, esses *Simbolismos de gênero* conseguiram permanecer presentes na nossa sociedade. No séc. XVII, a estruturação da cultura profissional baseou-se na suposição de que o trabalhador teria uma esposa em casa responsável pelo trabalho doméstico não remunerado. Essa estruturação também ocorreu nas instituições científicas, principalmente durante os séculos XVII e XVIII. Conforme a Europa se transformava, visando uma suposta ordem democrática, novos significados foram atribuídos às características sexuais para determinar quem iria ou não fazer ciência (SHIEBINGER, 2001). Com esses novos significados, novos estereótipos de gênero se consolidaram e persistiram com o passar do tempo, como podemos observar nos relatos apresentados no questionário.

Uma das frases da campanha, dita por um professor da Engenharia elétrica, afirmava que “Vocês (mulheres) nem deveriam estar aqui! Vocês deveriam estar numa academia, ficando bonitas, para achar um macho que as proteja! É assim, é da natureza, o leão protege a leoa!” A noção de que a mulher precisa ser protegida, que novamente se utiliza de um argumento que procura naturalizar tal noção, também é observada em outros contextos históricos. Desde o século XVIII, era muito presente para Americanos e Europeus a noção de que as mulheres eram delicadas, modestas e deveriam ser protegidas por homens valentes e robustos. Durante o período colonial no Brasil, a educação das mulheres era voltada para cumprir funções maternas e domésticas (ARAGÃO & KREUTZ, 2010). Augusto Comte, reconhecido como fundador do Positivismo e cujas ideias influenciaram a educação brasileira (SOUZA, 2020), descrevia nas suas obras que a mulher deveria seguir sua “santa missão” que é se dedicar aos cuidados maternos e domésticos, enquanto o homem atua na esfera pública (PEREIRA & FAVARO, 2017). Segundo Beltrão e Alves (2009), essa divisão sexual do trabalho existiu na maior parte da história brasileira. Como podemos perceber com essa análise, *Simbolismos de gênero* que reforçam essas ideias continuam sendo reproduzidos por professores e professoras, perdurando pelos séculos chegando aos tempos atuais, evidenciando que são repetições de discursos presentes em contextos históricos anteriores.

Os relatos presentes na campanha mostram que nem sempre as mulheres são bem-vindas no contexto universitário. *Simbolismos de gênero* que associam a mulher com o trabalho doméstico com o objetivo de sujeitá-las aos homens, favorece o arranjo de ambientes de trabalho vexatórios, ofensivos e hostis (HIGA, 2016). Dos 164 relatos recebidos na campanha, 61 apresentavam algum tipo de conotação sexual, e destes, 34 eram de assédio

sexual. A combinação entre a estratificação vertical de empregos – poucas mulheres em cargos de prestígio – e a segregação horizontal – concentração das mulheres em determinadas profissões – “fornecem o comburente e o combustível para a combustão de assédio que tem nas mulheres o grande público-alvo” (HIGA, 2016, p. 492).

Não é apenas nessa campanha que o assédio sexual é identificado dentro da UFRGS. Nesse ano foi lançado o relatório sobre a primeira Pesquisa sobre percepção de assédio moral e sexual relativo a gênero na UFRGS². Dos 4791 estudantes que responderam o questionário, 16,5% das alunas relataram terem sofrido assédio sexual, enquanto para os alunos homens esse índice é 3,8%. Elas também sofrem mais assédio moral (44,6%), enquanto para os homens essa porcentagem é de 28,3%. Em todos os relatos na pesquisa, 90% dos casos de assédio sexual e 85% dos casos de assédio moral foram cometidos por homens (podendo ser um professor, aluno ou técnico).

Conclusões

Os resultados encontrados evidenciam que a falta de representatividade feminina não se resume apenas a levar mais mulheres para a ciência – esse segundo Schiebinger (2001), seria mais fácil – mas também mudar os *Simbolismos de gênero* que excluem as mulheres do contexto universitário. É preciso que sejam construídas políticas institucionais dentro desses espaços que problematizem e estabeleçam estratégias para superação de discursos como esses. Enfrentando também a questão do assédio sexual e moral contribuindo para que tais *Simbolismos de gênero* não sigam perdurando através da passagem dos séculos. Cabe destacar que o enfrentamento a estas questões não pertence somente a esfera do ensino superior. Entretanto, torna-se urgente a compreensão com maiores detalhes de como esses *Simbolismos de gênero* ainda se mantêm e qual o impacto que eles geram nas experiências universitárias dos estudantes, principalmente no caso de indivíduos pertencentes a algum grupo minoritário.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos à Capes e ao CNPq pelo financiamento recebido.

Referências

- ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. **Conjectura: Filosofia da Educação**, v.15, n.3, p. 106-120, 2010.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125-156, 2009.
- CITELI, Maria Tereza. Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.1, p.131-145, 2001.
- HARDING, Sandra G. **The science question in feminism**. Cornell University Press, 1986.

² Para maiores informações sobre o relatório, acesse: <https://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/pesquisa-assedio-na-ufrgs>. Acesso em: 31 de ago. de 2020.

HIGA, Flávio da Costa. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?. **Revista Direito GV**, v. 12, n.2, p. 484-515, 2016.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, Neide de Almeida Lança Galvão. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-Sirsse, Paranavaí**, p. 5527-5542, 2017.

OECD (2019), **Education at a Glance 2019: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/f8d7880d-en>. Acesso em: 31 de ago. de 2020.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc, 2001.

SEMESP. **Mapa do ensino superior no Brasil**. São Paulo: SEMESP, 2020. 10 a ed. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/>. Acesso em: 05 de set. 2020.

SOUZA, Daniele Cristina. O Positivismo de Auguste Comte e a educação científica no cenário brasileiro. **REAMEC-Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v.8, n.1, p. 29-42, 2020.